



Voz da Fátima

Director:
PADRE LUCIANO GUERRA
Ano 67 — N.º 794 — 13 de Novembro de 1988

Redacção e Administração
SANTUÁRIO DE FÁTIMA — 2496 FÁTIMA CODEX
Telef 049/52122 — Telex 42971 SANFAT P

ASSINATURAS INDIVIDUAIS
Portugal e Espanha 120500
Estrangeiro (via aérea) 250500

PORTE PAGO

Propriedade: FÁBRICA DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA — PUBLICAÇÃO MENSAL — AVENÇA — Depósito Legal n.º 1673/83

PAIXÃO DE DEUS, PAIXÃO DOS HOMENS

É realmente estranha a maneira como grandes homens e mulheres da Igreja entenderam a cruz de Cristo. Essa cruz que já S. Paulo apelidava de escândalo e loucura para os que não tinham a graça de olhar para ela como olhou o Salvador do Mundo.

De 17 a 19 de Outubro, celebra a Igreja três santos que representam idades tão diferentes como o século I (S. Inácio de Antioquia) e os séculos XVII (S. João de Brébeuf) e XVIII (S. Paulo da Cruz). Pois se lermos com atenção a mensagem destes três homens, dos quais os dois primeiros foram mártires, ficaremos impressionados com a identidade de sentimentos que todos manifestam diante do sofrimento: sempre para o amar, e mesmo para o desejar.

— Inácio de Antioquia mandava aos cristãos de Roma a seguinte mensagem, quando já se dirigia à cidade dos Césares para ser julgado por causa da sua fé: «Peço-vos que não manifesteis por mim uma benevolência inoportuna. Deixai-me ser pasto das feras, pelas quais poderei chegar à posse de Deus. Sou trigo de Deus, e devo ser moído pelos dentes das feras, para me transformar em pão limpo de Cristo.» S. João de Brébeuf, mil e quinhentos anos mais tarde (quando se iniciava já o grande movimento de reacção à cruz de Cristo que viria a culminar na suposta destruição dos «mitos religiosos» a que lançaram mãos muitos dos nossos contemporâneos) deixava escrito nas suas Memórias um voto de aceitação do martírio: «Na presença de Vosso Eterno Pai e do Espírito Santo... faço voto, Jesus, meu Salvador, de nunca recusar, quanto de mim dependa, a graça do martírio, se pela Vossa infinita misericórdia Vos dignardes concedê-la algum dia a este Vosso indigno servo.» S. Paulo da Cruz, o único dos três que não sofreria o martírio, escreveu sobre a dor e o amor palavras que revelam a disposição e mesmo desejo do sofrimento: «O amor é força que une e faz seus os tormentos do Bem que se ama... Além disso, juntando-se de maneira misteriosa o amor à dor e a dor ao amor, resulta daí uma união tão íntima de amor e dor que já não é possível distinguir o amor da dor nem a dor do amor.»

E onde beberam eles esta sabedoria da dor e do amor? Naquilo que Inácio chama «a paixão do meu Deus»: «Deixai-me ser imitador da paixão do meu Deus. Se alguém O possuir, compreenderá o que quero (o martírio) e terá compaixão de mim, por conhecer a ânsia que me atormenta». Nisto coincidem os três, e pena temos que o espaço nos não permita prová-lo.

Terá sido diferente a teologia do sofrimento nos Pastores de Fátima? Leiam-se as Memórias da Irmã Lúcia e a conclusão será que eles beberam da mesma fonte.

Porque será então que é tão forte a alergia dos nossos contemporâneos ao sofrimento? Porque será que até já os pais se queixam, às vezes com raiva, do sacrifício que oferecem aos seus dois filhos, ou ao seu filho único?

A resposta não parece ser senão de dupla origem. Por um lado o amor anda disperso, dividido, em busca de prazer, mais que de felicidade. E por outro lado o amor paganizou-se, deixou de referir-se à Cruz de Jesus Cristo, à Paixão de Deus, que vem a ser a paixão dos homens.

Voltaremos à paz e à felicidade do amor quando deixarmos de confundir-lo com o prazer para o confundirmos com a felicidade, e quando deixarmos de querer tudo por nós mesmos para querermos tudo na graça de Jesus Salvador. Até lá serão as «dores do parto».

P.º LUCIANO GUERRA

Foram celebrados os 35 anos da Basílica

A celebração dos 35 anos da consagração da basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima foi uma das notas mais particularmente presentes durante as celebrações da peregrinação internacional aniversária de 12 e 13 de Outubro.

D. Manuel de Almeida Trindade, bispo emérito de Aveiro, que presidiu à missa da noite do dia 12, referiu-se largamente ao significado e sentido da celebração do aniversário da consagração da Basílica de Fátima.

«Deus não tem precisão nem de templos nem de quaisquer outros lugares de oração» disse D. Manuel Trindade, que, mais adiante, esclareceu:

«Mas se Deus não precisa de templos, porque d'Ele é o universo e tudo o que ele contém, o mesmo não acontece connosco. A condição do homem, feito de espírito e de corpo, condicionado pelo espaço e pelo tempo, pelo aqui e o agora — e até a do Homem-Deus, que se sujeitou pelo mistério da Encarnação ao condicionamento da natureza humana —, exigem lugares de encontro e sinais visíveis e concretos dos mistérios que nos transcendem».

E, de seguida, acrescentou: «Esta basílica — de cuja dedicação estamos nesta noite celebrando o aniversário —, para além da sua realidade material de ser uma casa de pedra e cal, onde ou em torno da qual a assembleia dos filhos de Deus se reúne, é também um sinal. Dá-se a estas casas o nome de igreja, mas seria mais exacto que lhes chamássemos casa da Igreja. A igreja de pedra e cal (ou de cimento: é o mesmo) está a apontar para a Igreja como comunidade ou assembleia dos crentes».

Nas celebrações do dia 13, o cardeal D. Angel Suquía, arcebispo de Madrid, debruçou-se, na homilia da missa, sobre o tema escolhido para a peregrinação: «Foi a tua fé que te salvou».

Os videntes de Fátima são, segundo D. Angel, testemunhos de fé: «Aqui, em Fátima, o pastorinho Francisco Marto dá-nos um testemunho vivo de fé, como crente do nosso tempo: não ou-

vindo nem falando com Nossa Senhora, não deixava de procurar, entre as covas e as rochas dos campos, um cantinho, do qual fazia espaço de encontro íntimo com Deus. Na contemplação profunda das fisionomias e gestos que captava das aparições tirava as lições necessárias que fortaleciam nele a fé e o ajudavam a descobrir a vontade de Deus a seu respeito, o mesmo é dizer, a sua vocação. Assim, foi aprofundando o sentido último do querer de Deus, manifestado pela Virgem, na Cova da Iria, penetrando cada vez mais o mistério divino da



O Cardeal Arcebispo de Madrid, presidente da peregrinação, e o diácono Adelino Guarda, agora neo-sacerdote.

salvação, manifestado «no fim dos tempos» por Jesus Cristo Nosso Senhor. O Francisco, como Maria, «rezava com o coração».

Referindo-se ao exemplo deixado pela Jacinta, disse a dada altura:

«Que exemplo tão grande e tão singelo o da pequenina Jacinta, que, no seu frágil coração, consegue captar o palpitar dos apelos carinhosos dos corações da Mãe e do Filho, transformando-os em actos de amor e gestos de carinho por todos, principalmente pelos mais fracos e pobres, e pelos pecadores, procurando todas as ocasiões para oferecer sacrifícios agradá-

veis a Deus, como oblação por aqueles que o ofendiam tanto».

Quase a terminar a sua homilia, D. Angel faria ainda apelo à vivência coerente da fé: «Queridos peregrinos, temos de amar a Deus, para podermos amar a Sua vontade, e assim, termos desejos de responder aos chamamentos que nos dirige através das múltiplas tarefas da nossa vida corrente: nos deveres do estado, na escola, no trabalho, na família, no convívio social».

Os serviços do Santuário calcularam em cerca de setenta mil o número de peregrinos presentes nas celebrações do dia 13.

As celebrações principais da peregrinação foram transmitidas em directo pela Rádio Renascença e pela Radiodifusão Portuguesa. As celebrações do dia 13 foram transmitidas em directo pela Radiotelevisão Portuguesa que, do dia 12, transmitiu apenas e em diferido, a procissão de velas.

Nesta peregrinação o Serviço de Peregrinos do Santuário registou a presença de 67 grupos de peregrinos de nacionalidade estrangeira com um total de 3.342.

Poder-se-á dizer que foi uma peregrinação igual a tantas outras que já se realizaram neste Santuário, com as mesmas multidoes, e, sobretudo, com a mesma manifestação de fé, a que os peregrinos de Fátima já nos habituaram.

Por outro lado, esta peregrinação foi, também, o culminar de um ano de reflexão sobre a pastoral da fé.

No início deste ano, havia sido proposto para tema geral do Santuário o tema «Feliz Aquela que acreditou», conforme a *Voz da Fátima* largamente noticiou. Assim, assistiu-se no Santuário a um grande desenvolvimento do tema, tanto no decorrer das grandes peregrinações como noutras organizações, tanto pelas dioceses e paróquias como pelos institutos, famílias religiosas e movimentos de apostolado.

De referir ainda que, no passado mês de Outubro, se celebrou o 71.º aniversário da última aparição.

A. G.

Antes da bênção final da Santa Missa, João Paulo II, ao fazer a habitual recitação do «Angelus», pronunciou um acto de consagração, do qual transcrevemos os últimos dois parágrafos:

«A Igreja toda, neste dia, com o Sucessor de Pedro, une-se a este atribulado Povo moçambicano e com ele reza: «Não desprezeis as nossas súplicas, ó Virgem gloriosa e bendita!» Sabemos

O acto de entrega de Moçambique à Mãe de Deus

que, como «Estrela da Evangelização», o vosso desvelo acompanha o Povo de Deus peregrino, no empenho constante por evangelizar-se e evangelizar... também em Moçambique, onde não poucos completam «o que falta à paixão de Cristo, em favor do seu Corpo, que é a Igreja» (cf. Col. 1, 24). Também o nosso «espírito

exulta em Deus, nosso Salvador, cuja misericórdia se estende de geração em geração», por tantos e tantas que aqui obedecem à «palavra» do Amor eterno; e, dia após dia, aqui dão testemunho das «bem-aventuranças». «Livrai-os sempre de todos os perigos, ó Virgem gloriosa e bendita!»

Confio e entrego à vossa protecção toda a Igreja em Moçambique. Bispos. Sacerdotes. Religiosos e Religiosas e Leigos; quantos se empenham na obra da evangelização: catequistas, leigos comprometidos e animadores das comunidades; os que, de coração sincero, buscam o reino de Deus e a sua justiça, buscam o desen-

volvimento e a felicidade deste Povo, sedento de justiça, de paz e de amor.

Neste dia e neste solo moçambicano, Senhora e Mãe nossa, nós Vos confiamos e entregamos, no contexto da África e do mundo, os Povos que mais precisam da intercessão materna do vosso Coração Imaculado, para que se consolide, purifique e expanda o Reino de Deus, do vosso Filho Jesus Cristo» (18-09-1988)

No Outono de 1916, encontravam-se os três pastorinhos no local da primeira Aparição, a Lapa do Cabeço, quando lhes aparece um Anjo — o Anjo de Portugal. Na mão esquerda sustenta um cálix por cima do qual estava uma hóstia que gotejava sangue para dentro do mesmo cálix. Com profundo respeito ajoelha, curvando-se até ao chão, no que é imitado pelos videntes, e repete três vezes, antes e depois da comunhão, um acto de desagravo, profundamente teológico.

Ao distribuir a comunhão aos pequeninos, profere estas impressionantes palavras: «Tomai e bebei o corpo e o sangue de Jesus Cristo, horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparaí os seus crimes e consolai o vosso Deus».

São do Concílio Vaticano II estas belas palavras referentes à Eucaristia: «Sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é concedido o penhor da glória futura».

Se a alma nem sempre se «enche de graça», não será pela falta das devidas disposições?

Requer-se como prévia condição o estado de graça, pois «quem estiver consciente de pecado grave não celebre Missa, nem comungue o Corpo do Senhor, sem fazer previamente a confissão sacramental» (Cânone 916). Também a comunhão nunca será fervorosa e proveitosa se não for precedida e acompanhada da oração. Assim aconteceu com a comunhão angélica.

Referindo-se à Lapa do Cabeço, escreve Lúcia: «Logo que aí chegámos, de joelhos, com os rostos em terra, começámos a repetir a oração do Anjo: «Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos, etc.». Não sei quantas vezes tínhamos repetido esta oração quando vemos que sobre nós brilha uma luz desconhecida».

Depois desta preparação remota, veio a próxima, como também a acção de graças, repetindo o Anjo três vezes antes e três vezes depois da comunhão o acto de desagravo.

Não contentes com esta acção de graças, passaram o resto da tarde os três videntes repetindo constantemente o acto de desagravo, ensinado pelo Anjo: «Nós permanecemos na mesma atitude (prostrados por terra), repetindo sempre as mesmas palavras. Quando nos erguemos vimos que era de noite».

Quando o Francisco, na véspera do seu falecimento, recebeu a primeira e última comunhão ministrada por mãos humanas, quedou-se durante meia hora em colóquio íntimo com o hóspede divino. As primeiras palavras que pronunciou ao acordar desse doce enleio foram: «O Senhor Prior ainda me tornará a trazer mais alguma vez a comunhão?».

Oportuna lição para os nossos tempos, em que tanto se reduz ou omite a acção de graças depois da comunhão. Oicamos o que a este respeito ensina o Papa Pio XII na encíclica sobre a Liturgia MEDIATOR DEI de 20 de Novembro de 1947:

«Terminada a acção sagrada (missa)... aquele que recebeu o Pão do Céu não está dispensado de dar acção de graças... é pelo contrário sumamente conveniente, uma vez recebida a Sagrada Eucaristia e terminadas as cerimónias públicas, se recolha e, intimamente unido ao Divino Mestre, estabeleça com ele um colóquio dulcíssimo e salutar, quanto as circunstâncias lho permitam. Afastam-se portanto do recto caminho da verdade aqueles que, prendendo-se mais às palavras que ao espírito, afirmam e ensinam que, uma vez terminado o sacrifício, não há razão de prolongá-lo pela acção de graças, não só porque o Sacrifício do altar é por si próprio a acção de graças, mas também porque isto é um assunto de devoção pessoal e particular, que diz respeito a cada qual e não ao bem da comunidade. Não. A própria natureza do Sacramento reclama que o cristão que o recebe, dele tire abundantes frutos de santidade. Certo que a assembleia pública da comunidade é despedida, mas é necessário que cada qual, unido com Cristo, não interrompa na sua alma o cântico de louvor «dando graças sempre por tudo a Deus e Pai, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo» (Ef. 5,20).

Tais actos de devoção particular são absolutamente necessários para que todos nós gozemos mais abundantemente dos tesouros do alto de que a Eucaristia é o manancial e para que, segundo as nossas forças, os façamos difundir pelas almas».

Paulo VI na Exortação EUCHARISTICUM MYSTERIUM (25-5-1967), na Instrução Immensae Caritatis (29-1-1973) e no Ritual da Sagrada Comunhão e Culto do Mistério Eucarístico fora da missa, repete a mesma doutrina, lembrando as palavras do seu predecessor Pio XII.

João Paulo II desenvolveu várias vezes a mesma doutrina, que quis constasse no novo Código de Direito Canónico:

«O sacerdote não deixe de se preparar devidamente com a oração para a celebração do Sacrifício Eucarístico nem de, no fim, dar graças a Deus» (Cânone 909).

Queremos que a Sagrada Comunhão «encha de graça» as nossas almas? Preparemo-la e concluamo-la com fervorosa oração, estando a nossa alma limpa de pecado grave. É também esta uma lição dada pela mensagem de Fátima.

P. FERNANDO LEITE

Estamos no mês de Novembro, o mês tradicionalmente dedicado à recordação e ao sufrágio das almas do Purgatório, e, por isso mesmo, propicio a uma breve reflexão sobre esta verdade da nossa fé.

Segundo a doutrina da Igreja Católica, o Purgatório é o lugar em que as almas dos justos que deixaram este mundo sem terem satisfeito totalmente a justiça divina, sofrem uma pena temporária «devida pelos pecados veniais não perdoados ou pelos pecados mortais ou veniais perdoados mas ainda não totalmente expiados».

Essas almas estão em estado de graça, são verdadeiras amigas de Deus e aguardam ansiosamente o momento de poderem entrar nos esplendores da luz eterna que Cristo nos mereceu.

É neste contexto que se inserem os sufrágios da Igreja em favor dos defuntos, a qual, como mãe carinhosa, vai em auxílio dos seus filhos para os quais o tempo de mérito e satisfação pessoal terminou com a morte e, agora, apenas lhes resta a «satispaixão», isto é, o suportar a pena satisfatória merecida, para poderem entrar no gozo da felicidade eterna. E foi certamente nesta convicção generalizada que se fundamentou a devoção às «benditas almas do Purgatório» e a generosidade da Igreja que permite que todos os sacerdotes celebrem três Missas, no dia 2 de Novembro, em sufrágio dos fiéis defuntos.

A fé dos cristãos católicos na existência de um lugar de purificação para as almas que saíram deste mundo carecidas dela, encontra na Sagrada Escritura, como não podia deixar de ser, razões verdadeiramente apodícticas.

Assim, no II Livro dos Macabeus (XII, 43-46), lê-se que Judas Macabeu «fez entre os seus homens uma colecta de duas mil dracmas e as enviou a Jerusalém para oferecer um sacrifício de expiação pelos pecados dos que piedosamente tinham morrido... para que fossem libertos dos seus pecados». Ora, tal gesto prova que os israelitas acreditavam que aqueles que morriam no Senhor podiam ser auxiliados, depois da morte, pelos sacrifícios e orações dos vivos.

São Tomás de Aquino, comentando este texto da Escritura, diz: «não há motivo para rezar pelas almas que estão no Céu, nem por aquelas que se encontram no inferno. Portanto, deve haver um Purgatório depois da morte onde as almas dos justos que ainda não pagaram toda a sua dívida à jus-

tiça divina, aguardam o seu resgate definitivo».

No Novo Testamento, são numerosos os textos que aludem à existência de um lugar de purificação depois da morte. Em São Mateus (XII, 32), por exemplo, Jesus afirma: «... Aquele que falar contra o Espírito Santo não lhe será perdoado nem neste século nem no futuro». Tal afirmação do Mestre leva-nos a concluir que há possibilidade de perdão, depois da morte, para alguns pecados. Quais? Onde? Reportando-nos ao raciocínio de São Tomás supra-citado, concluimos que só o Purgatório pode explicar o perdão a que a Escritura implicitamente alude.

Também Nossa Senhora, na primeira das aparições, na Cova da Iria, fez uma referência muito clara ao Purgatório. Foi quando a Lúcia, depois de perguntar se ela e os primos iriam para o Céu, inquiriu a respeito da sorte eterna de duas jovens, há pouco falecidas, que tinha conhecido em sua casa a aprender a tecedeiras com sua irmã mais velha. Lúcia interrogou a Senhora: — A Maria das Neves já está no Céu? — Sim, está. — E a Amélia? — Estará no Purgatório até ao fim do mundo — foi a resposta da Senhora.

Quase nos sentimos surpreendidos com a amplitude da pena imposta à Amélia. Já lá vão mais de setenta anos; e quantos anos

ou séculos nos separam ainda do fim do mundo para que chegue a hora da libertação desta alma, retida no Purgatório? Não sabemos; estamos diante de um enigma que não nos é dado decifrar. Sabemos apenas que rezar pelos mortos «é um santo e piedoso pensamento». Por isso Judas Macabeu «pediu um sacrifício expiatório para que os mortos fossem livres das suas faltas» (2 Mac. XII, 46). Segundo a doutrina atrás exposta, a duração do tempo de expiação está condicionada aos sufrágios da Igreja e dos fiéis. Sendo assim, a Amélia estará no Purgatório até ao fim do mundo, se não houver quem reze e ofereça ou mande celebrar por ela o Santo Sacrifício da Missa.

Mês de Novembro, em que todos somos tocados pela saudade dos que nos precederam e convidados a sufragar as suas almas!

Façamo-lo movidos por um profundo sentido cristão. Não limitemos a expressão da nossa saudade às flores que deixamos cair sobre os seus túmulos. Ofereçamos antes por todas elas as nossas orações e sacrifícios, sobretudo, o santo sacrifício da Missa. Elas retribuirão com as suas intercessões junto de Deus em nosso favor. É o dogma da Comunhão dos Santos. Cultivemos uma verdadeira devoção às Benditas Almas do Purgatório!

C. V.

Uma ilha dedicada a Nossa Senhora

A senhora D. Úrsula da Câmara e Arruda, de Vila do Porto, na Ilha de Santa Maria, que já nos tinha descrito a história de uma ermida de N.ª S.ª da Natividade aí existente, escreveu-nos novamente com mais alguns apontamentos sobre a devoção mariana dos marienses e sobre uma das ermidas de Nossa Senhora da Fátima mais antigas em todo o mundo.

«Muitos marienses com mais de 70 anos lembram como eu (que em 1928 tinha 12 anos), a emoção que sentimos, ao vermos a população vinda da ilha à volta da imagem da Branca Senhora, para a levarmos, por caminhos pedregosos, para a sua capela.

Esta ilha é bem «A ilha de Santa Maria», porque, se bem que pequena de superfície, com 97 quilómetros quadrados, os habitantes, desde o povoamento até aos nossos dias, levantaram templos, isto é, igrejas e capelas a Nossa Senhora sob várias invocações, em número de 28, e uma a Jesus, Maria e José. Destas, duas têm só as paredes, mas vão ser reconstruídas; uma incendiou-se: era toda de madeira, construída junto ao aeroporto, para o culto das tropas que ali aguardavam o seu destino; a princípio era destinada aos vários cultos; com o fim da guerra, ficou só para os católicos; era da invocação de «Nossa Senhora do Ar». Outra, que fazia parte de um recolhimento, onde existe hoje o edifício dos C. T. T., foi demolida. Existem 9 com invocação de santos.»

Agradecemos a esta nossa amável leitora esta pequena notícia e pedimos a todos os outros que, de uma forma simples ou mais elaborada, nos enviem artigos, livros ou folhetos sobre a devoção mariana das suas terras.

L. C.

N.º 102 NOVEMBRO 1988

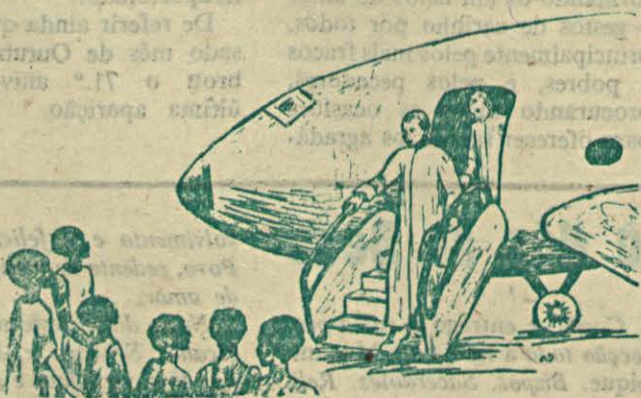
Fátima dos pequeninos



Querido Amiguinho:

Gosto muito de escrever-te porque sei que gostas de Nossa Senhora e dos Pastorinhos de Fátima. Temos os mesmos gostos.

No mês de Outubro falei do Inferno; pode ser que alguém não tenha gostado,



mas a Mensagem de Fátima não estaria completa sem falar do Inferno, onde os pecadores vão parar se não se arrependem antes de morrer. É Mensagem Evangélica.

Mas hoje quero chamar a tua atenção para a grande verdade que nos faz felizes: o Céu.

Primeira Aparição em Fátima: «Era uma Senhora vestida de branco, diz a Lúcia... «Não tenhais medo. Eu não faço mal».

A Lúcia, então, anima-se a perguntar-lhe:

— Onde é Vocemecê?

— Sou do Céu... Uma Senhora que vinha do Céu — pensa a Lúcia. O Céu... — E eu também vou para o Céu? — Sim, vais — assegura-lhe a Senhora. «Que bom!» — «E a Jacinta?» — Também. O coração da Lúcia pensa também no Francisco, e, dirigindo-se à Senhora, pergunta: «E o Francisco? — Também irá, mas terá de rezar muitos terços.

Nós fomos criados para o Céu. E o que é o Céu? É possuir e ver a Deus com todas as Suas maravilhas que a nossa imaginação nem de longe pode conceber. Os Pastorinhos que viram Nossa Senhora achavam tudo feio em comparação



com a sua beleza e que com certeza se tornava possível aos olhos deles; mas o Céu? E a beleza de Deus?!...

Nossa Senhora veio dizer-nos que temos lá o nosso lugar se fizermos o que Jesus nos ensinou. Mas convida-nos para uma grande missão: a de sermos missionários, a de levarmos para o Céu também as almas de tantas outras pessoas. Terás ouvido falar dos missionários que deixam a sua pátria para ir onde Jesus não é conhecido para O dar a conhecer e assim facilitar a todos a salvação. A nossa colaboração é portanto precisa: «Há muitas almas que se perdem porque não há quem reze e se sacrifique por elas»

disse Nossa Senhora em Fátima.

Querido amiguinho, queres levar muitas almas para o Céu?

Une-te ao grande número de pessoas de todas as idades, grandes e pequenos, que todos os dias ajudam as pessoas a irem para o Céu.

Que fazer? Rezar bem e cumprir o nosso dever, o melhor possível, com esta intenção.

Achas difícil? Experimenta. A Virgem Santíssima há-de ajudar-te. Conta também com a minha oração.

IRMÃ GINA

Notícias do Santuário

BODAS SACERDOTAIS E ORDENAÇÃO

No dia 7 de Agosto, a basílica encheu-se de fiéis para uma concelebração solene, nas bodas de ouro de três sacerdotes da diocese de Leiria-Fátima, os Padres António Marques Simão, vice-reitor e capelão do Santuário, Manuel Duarte Alexandre, capelão do Hospital Infantil dos Irmãos de S. João de Deus, em Montemor-o-Novo, e Virgílio Pedrosa Crespo, pároco da Bajouca e Carnide, na diocese de Leiria-Fátima.

Associaram-se a esta celebração os Padres Pietro Mongiano, dos Missionários da Consolata, e Inácio Antunes, do patriarcado de Lisboa, que já este ano haviam celebrado também as suas bodas de ouro.

Presidiu à celebração o sr. D. Alberto Cosme do Amaral e concelebraram com ele muitos sacerdotes. Estavam presentes na assembleia muitos familiares e amigos dos sacerdotes aniversariantes. No fim da celebração, tomou a palavra o Rev. Padre Simão, que agradeceu em nome de todos e mostrou-se particularmente grato pelas orações e provas de muita amizade que ele próprio tem recebido, desde que foi acometido de um acidente vascular, em Maio passado, do qual, felizmente, se vai restabelecendo.

Uma particularidade interessante: estes três sacerdotes da diocese de Leiria-Fátima trabalharam no antigo Ultramar Português, em serviço pastoral e missionário. Ainda no mesmo dia, celebrou, na Capelinha das Aparições, as suas bodas de ouro sacerdotais o Padre Eduardo Soares Pinheiro, da diocese do Porto.

Entretanto, uma outra grande festa se realizou também no Santuário: a ordenação de dois novos padres, missionários da Consolata.

São eles o P. Henrique Manuel Pinto Gouveia, natural de Loriga (Seia), que fez os estudos superiores em Nairóbi, Quênia, e o P. Manuel Gomes Duarte Ferreira, natural de Febras (diocese de Coimbra), que estudou em Roma.

O P. Henrique Gouveia ficará, de momento, a trabalhar em Portugal, enquanto o P. Manuel Gomes irá trabalhar para o Zaire.

A todos estes sacerdotes, e particularmente ao Rev. Padre Simão, deseja a VOZ DA FÁTIMA uma longa vida e muita saúde, para continuarem a dedicar-se ao serviço de Deus e das almas.

33.ª PEREGRINAÇÃO DO ROSÁRIO A FÁTIMA

Cerca de 16.000 peregrinos participaram, em 24 e 25 de Setembro, na 33.ª Peregrinação Nacional do Rosário, com o tema «Feliz d'Aquela que acreditou», que foi presidida por D. Maurílio de Gouveia, arcebispo de Évora.

O valor da recitação do terço como «meio prático de crescer na fé» foi uma das notas mais salientes da homília do presidente da peregrinação, na Missa de encerramento.

D. Maurílio de Gouveia referir-se-ia também à mensagem deixada por Maria em Fátima como «um apelo a viver a fé simples e corajosa».

Sendo uma escola de fé, o terço, segundo as palavras do arcebispo de Évora, «torna-se, também, um compromisso de vida», tanto na vida familiar como na social ou política.

A 33.ª Peregrinação Nacional do Rosário foi promovida pelo Secretariado Nacional do Rosário, com sede no Convento dos Dominicanos, em Fátima, e teve início na tarde do dia 24, com o acolhimento no Centro Pastoral de Paulo VI, seguido de uma celebração penitencial, e prolongou-se até às 12.30 horas do dia 25, quando terminou a Missa de encerramento.

PEREGRINAÇÃO AO SANTUÁRIO DE CZESTOCHOWA

No dia 24 de Setembro passado, reuniram-se no Santuário de Fátima os 130 peregrinos que, no passado mês de Julho, participaram numa experiência inédita de intercâmbio em turismo religioso entre o Santuário de Fátima e o Santuário de Czestochowa, na Polónia.

Durante este encontro, e além de outras actividades de cariz religioso, foi visionada uma «cassete» de vídeo feita aquando da peregrinação à Polónia, que se inseriu no contexto do Ano Mariano.

Recorde-se que a ida dos portugueses à Polónia foi entre 18 e 25 de Julho, nas mesmas datas em que um outro grupo de peregrinos polacos esteve no Santuário de Fátima.

A peregrinação fora inicialmente sugerida pelos responsáveis do Santuário de Czestochowa e contou com o apoio do Santuário de Fátima e de uma agência de viagens de Fátima ligada ao turismo religioso, que organizou a peregrinação: um voo «charter» partiu do nosso país no dia 18 levando os portugueses e regressou no mesmo dia trazendo os polacos; no dia 25 de Julho levou os polacos e voltou com os portugueses.

A PRIMEIRA COMPANHEIRA DA VIRGEM PEREGRINA



No início da peregrinação universal, em Maio de 1947

No dia 9 de Setembro passado, faleceu em Lisboa a sr.ª D. Maria Teresa Pereira da Cunha, que, desde 13 de Maio de 1947 até fins do ano de 1955, foi uma companheira fiel da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima nos cinco continentes.

D. Maria Teresa foi uma ardorosa militante da Acção Católica, fazendo parte do Conselho Nacional da Juventude Católica Feminina. E foi no âmbito das suas actividades neste movimento que surgiu a ideia da peregrinação da imagem de Nossa Senhora de Fátima. É ela mesma quem conta, no primeiro dos seus volumes «Nossa Senhora Peregrina do Mundo»:

«Em Abril de 1946, a Juventude Católica Feminina Portuguesa é convidada

a assistir à reunião do Conselho Internacional dessa mesma Organização, que deveria ter lugar na cidade de Gand.

Uma vez ali, a Presidente Nacional Portuguesa ouviu da boca da Delegada Russa palavras entusiásticas acerca de Fátima. Entende, pois, que é seu dever não só agradecer as palavras ouvidas, como ainda convidar todas as presentes a tomarem parte na primeira Peregrinação Internacional à Cova da Iria, que deveria ter lugar em Maio de 1947.

Foi então que uma ideia luminosa, inspirada certamente pelo Espírito Santo, ocorreu à representante do Luxemburgo:

«Amigas, e se uma Imagem de Nossa Senhora de FÁTIMA saísse da Cova da Iria, e fosse levar à Europa martirizada a mensagem de Paz?»

Esta ideia foi acolhida entusiasticamente, tanto em Portugal como nos outros países, nomeadamente na Holanda, onde um sacerdote da Congregação dos Oblatos de Maria Imaculada, Padre Franz Demoutiez, tivera a feliz inspiração de conduzir uma imagem de Nossa Senhora de Fátima ao Congresso Mariano Internacional de Maastricht, naquele país, a realizar em Setembro de 1947.

D. Maria Teresa foi em Portugal a alma desse extraordinário movimento, e durante 11 anos integrou a comitiva que acompanhou a Virgem Peregrina. E mesmo depois dessa peregrinação, continuou a dedicar-se inteiramente à difusão da mensagem de Fátima. Esperamos, pois, que já se tenha encontrado com Aquela que um dia profetizou que «todas as gerações a chamarão bem-aventurada» e que D. Teresa teve ocasião de verificar com os seus próprios olhos.

A VOZ DA FÁTIMA apresenta sentidos pésames à sua família e pede a todos uma prece por esta devotada serva de Maria.

Fátima: as dificuldades duma terra sem água

As graves deficiências no abastecimento de água atingiram fortemente, de novo, no recente período do Verão, tanto os habitantes permanentes de Fátima como os muitos milhares de peregrinos que, durante aquela época, se deslocam em número muito mais elevado ao Santuário, um dos maiores centros de devoção mariana do mundo.

O panorama gerado teve larga repercussão em muitos órgãos da comunicação social e chegou mesmo a causar algum conflito na população fixa de Fátima, onde algumas casas de habitação estiveram completamente privadas daquele «precioso líquido» durante quase todo o mês de Agosto, enquanto os industriais de hotelaria não cessavam de comprar continuamente camiões de água para suprir as quantidades insuficientes que os seus depósitos conseguiam reservar da que era fornecida pela rede pública.

Passando por cima de todos os comunicados, informações e esclarecimentos, que vêm habitualmente a público quando a insuficiência de água é mais dramática, pensamos que será interes-

sante fazer uma pequena resenha da confrontação de Fátima com este problema.

Este apanhado, do qual aqui deixamos já os primeiros dados, foi elaborado a partir de elementos recolhidos pelo Sr. Francisco Oliveira, da «Corteira do Santuário», que desde há já longos anos tem acompanhado de perto este problema.

I

Uma constituição geológica calcária constitui toda uma vasta região sobre parte da qual está situada toda a freguesia de Fátima, precisamente numa das zonas em que a escassez de recursos hídricos mais se faz sentir.

Assim se explica que o cuidado primordial dos encarregados das primeiras obras que se fizeram na Cova da Iria tenha sido o de procurar água.

Depois de várias tentativas, no dia 9 de Novembro de 1921, procedeu-se à sondagem que viria a originar o fontanário a cerca de quarenta metros da

Capelinha, sobre o qual está actualmente a estátua ao Sagrado Coração de Jesus.

Em breve, porém, esta nascente se revelaria insuficiente para as necessidades e, junto das várias construções, surgiram as cisternas para a armazenagem de água colhida através das caldeiras colocadas nos telhados, tanto no Santuário como nas outras construções que iam começando a povoar a Cova da Iria.

Várias tentativas para encontrar água neste local foram feitas, não só a nível oficial mas também por vários particulares, sobretudo com a construção de diversos furos artesanais. As últimas tentativas «sérias» para encontrar água próximo da Cova da Iria foram realizadas nos anos de 1965 e 1966, que também saíram frustradas.

Entretanto, já se tinham começado a delinear os esboços para um futuro plano de urbanização que estabelecia como primeira prioridade o abastecimento de água.

A. G.

Cruzados de Fátima

Quotização dos Cruzados de Fátima

Quotização dos Cruzados de Fátima, as aceitem como uma decisão positiva para que, todos unidos, concedamos ao Movimento condições mais eficazes para se empreenderem todas as acções previstas pelos Estatutos. Que nenhum associado deixe de adquirir o seu jornal «Voz da Fátima». Pelo

contrário, que todos aqueles que até agora o não recebem, o solicitem ao seu animador de trezena, contribuindo assim, numa forma mais activa, para a acção apostólica do Movimento.

O TESOUREIRO NACIONAL

Dêmos a nossa merenda aos pobrezinhos

(dizia a JACINTA, vidente de N.ª Senhora)

Disse Jesus em Luc. 12, 15-22: Olhai, guardai-vos de toda a cobiça, porque mesmo que um homem viva na abundância, a sua vida não depende dos seus bens. Disse-lhes então esta parábola: «havia um homem rico, cujas terras lhe deram uma grande colheita. E pôs-se a discorrer, dizendo consigo: que hei-de eu fazer, pois não tenho onde guardar a minha colheita? Já sei o que vou fazer. Deitarei abaixo os meus celeiros, construirei uns maiores e guardarei lá o meu trigo e todos os meus bens. Depois, direi à minha alma: alma, tens muitos bens em depósito para muitos anos; descansas, come, bebe e regala-te. Deus, porém, disse-lhe: insensato! Nesta mesma noite pedir-te-ão a tua alma; o que acumulaste para quem será? Assim acontecerá ao que entesoira para si e não é rico em relação a Deus.»

Os Videntes de Nossa Senhora procuraram acumular tesouros no Céu e não na terra. O Francisco e a Jacinta já receberam a recompensa do bem que fizeram aos irmãos, não para 70 ou 80 anos mas por toda a eternidade!...

As generosidades a favor da aquisição duma carrinha para serviço de doentes e peregrinos a pé continuam a crescer, e eis como:

Maria Adelina Monteiro de Sousa — Porto	4.000\$00
Anónima	1.000\$00
Anónima	10 lib. iri.
Anónima	700 pts.
Teodora Pereira Coutinho — Setúbal	1.000\$00
Anónima de V.ª Nova de Famalicão	2.000\$00
Anónima de Calvão — Aveiro	25.000\$00
Angelina Lains — Atouguia	700\$00
Natália Tavares — Ovar	1.500\$00
Anónima	1.000\$00
Cremilde Rosa Oliveira — Silves	1.000\$00
Maria de Lurdes — Vila Real	1.000\$00
João Armando Calheiros Cruz — Porto	1.000\$00
Alexandrina Emília — Barreira — Leiria	500\$00
Júlia Ribeiro — Pinhal Verde — Leiria	500\$00
Emília da Conceição Beijinho — Setúbal	1.000\$00
Maria José Palma Saboia — Moura — Beja	500\$00
Luzia Esparteiro — Aldeia Nova de S. Bento — Beja	500\$00
Maria Morais Torráo — Aldeia Nova de S. Bento — Beja	1.000\$00
Maria A. Godinho — Moura — Beja	1.000\$00
Anónima	500\$00
Joaquina de Meira — Guimarães	1.000\$00
Maria da Conceição — Beja	500\$00
Isabel Rosa Ferro — Aldeia Nova de S. Bento — Beja	750\$00
M.ª Madalena Soares Lopes — Ordens — Penafiel	19.300\$00
José Ferreira — Paredes	5.000\$00
Rofina Rosa da Silva — Porto	5.000\$00
Maria Amélia Silva Costa — Vila Real	5.000\$00
Maria Aurora Coelho da Rocha	1.000\$00
Margarida Sousa Soares — S. Maria de Lamas — Lourosa	1.000\$00
M.ª Rosa Silva Santos — Souto	1.000\$00
Amélia Campos — Riomeão	3.000\$00
Anónima	2.000\$00
Maria Francisca das Neves — S. Maria de Lamas-Lourosa	10.000\$00
Filhos de Maria F. das Neves - S. M. de Lamas-Lourosa	8.000\$00
António Nogueira de Sousa	1.000\$00
Umbelina Ferreira Mendes — S. Maria de Lamas-Lourosa	10.000\$00
José Guerra Norte — Ontário — Canadá	79 dól.
José Soares da Costa — Amares	2.000\$00
Maria Ivone Mateus Carvalho — Lisboa	500\$00
Ilda Maria da Silva — Almodôvar — Beja	1.000\$00
Um sacerdote (anónimo) — Porto	5.000\$00

A todos o nosso BEM HAJA e que Deus recompense a vossa generosidade.

P.ª MANUEL ANTUNES

Movimento dos Cruzados de Fátima

Sendo muitos, formamos um só corpo

Cada um pensa como quer e entende, tirando as conclusões que julgar acertadas. É minha intenção dizer só aquilo que devo e não para agradar a este ou àquele.

Como vi e vivi o retiro de doentes?

Não tinha conhecimento destes retiros a não ser dum que se realiza em Lurdes, sem contudo o ter observado de perto. Agora, sim, tive em Fátima essa oportunidade e por isso posso tirar as minhas conclusões.

Verifiquei que todas as pessoas que colaboram trabalham sem qualquer ambição a não ser a de praticar o bem para com o seu semelhante, sem distinção de categorias sociais. Não verifiquei qualquer desfalecimento ou má vontade seja em quem for, pois se tal notasse di-lo-ia. Vêm colaboradores de vários pontos do país para trabalharem em prol dos doentes, sendo as despesas das viagens por conta própria. Em contrapartida, a comida e dormida são a expensas do Santuário de Fátima que

fornece pequeno almoço, almoço, lanche e jantar nos 4 dias de retiro. No referente à comida e acomodações, nada mais se pode exigir... Durante a noite, um ou mais vigilantes percorrem de quando em vez os quartos dos doentes para verificarem se todos estão bem ou precisam de alguma coisa. Tudo observei com olhos de ver.

Aproveito para dizer que se algum doente não tiver dinheiro para a deslocação, isso não é motivo para deixar de vir ao retiro, pois o Serviço de Doentes do Santuário ou os secretariados diocesanos do MCF resolvem esse assunto. Nos retiros é como se todos fôssemos uma só família, com a mesma pobreza ou riqueza. Mais notei a disponibilidade e carinho dispensados aos doentes por aquelas pessoas que estão ao seu serviço. Assim, os que estão impossibilitados de caminharem são conduzidos em cadeirinhas de rodas na ida aos Valinhos, na procissão das velas e a diversos locais, como à basílica, à capela do Sagrado Lausperene, etc..

Foi a primeira vez que vi o P.º Manuel de Sousa Antunes. Estivemos a sós durante algum tempo conversando sobre assuntos que a ambos interessavam. Falou-se na construção dum subterrâneo em Fátima idêntico ao que existe em Lurdes. Disse-me que esse assunto já havia sido reflectido, não sabendo no entanto quando terá início essa obra.

De 5 a 8 de Setembro p.p. estiveram em retiro, no Santuário de Fátima, doentes alentejanos e algarvios. Deus os proteja a todos e bem assim aos que trabalham para eles e lhes proporcionam esta graça!

Aproveito ainda para dizer que observei em Fátima algo que me desgostou e para o qual peço a melhor atenção dos responsáveis: a proibição imediata e severa de entrarem no recinto sagrado cavalheiros e senhoras vestidos de maneira indigna, como se isto fosse uma praia ou lugar de espectáculo e não um lugar de culto.

PATRÍCIO GIL

O Movimento em plena actividade

A paróquia de Arrifana continua a dar testemunho de iniciativas, conforme os Estatutos do Movimento. No campo da Oração, promove: Devoção dos Primeiros Sábados, Eucaristia e oração do terço, nos dias 12 de cada mês, devoção do mês de Maio e via-sacra nos domingos da Quaresma. No campo das Peregrinações: assistência aos peregrinos a pé (humanitária e espiritual). No campo dos Doentes: ajuda material e espiritual a doentes para participarem em retiros no Sant. de Fátima, apoio nos após-retiros organização de trezenas de doentes.

Na paróquia são distribuídos 400 jornais da «Voz da Fátima». Funcionam trezenas de jovens e adultos.

No encerramento do Ano

Santo Mariano promoveu: Eucaristia solenizada, oração do terço e procissão de velas pelas ruas da paróquia.

Num desejo de comunicar as suas experiências e motivar as paróquias vizinhas a responderem aos objectivos do Movimento, a Direcção Paroquial da Arrifana levou a efeito um encontro no Seminário dos PP. do Coração de Maria, Carvalhos, no passado dia 16 de Outubro. Estiveram presentes delegados das freguesias de Arrifana, Candal, Castelões e Carvalhido. O Secretariado Nacional também deu a sua colaboração na pessoa do assistente, P. Antunes. De tarde compareceram: o assistente diocesano, P. Joaquim Alves Correia, e o assistente paroquial, P. Rodrigo Fontes. As

suas intervenções foram muito oportunas, convidando os responsáveis paroquiais a organizarem-se por forma a responderem aos objectivos do Movimento que oferece condições apostólicas de muito interesse para as paróquias.

O assistente diocesano do Porto comunicou que já se havia constituído o Secretariado Diocesano do Movimento, pelo que todos se congratularam.

O encontro terminou com votos dos participantes de que se venham a promover outros a nível diocesano e regional, a fim de se formarem animadores responsáveis pelos três campos apostólicos do Movimento.

CARLOS SOARES DE PINHO
Presidente Paroquial do MCF

CORAÇÃO GRANDE E DISPONÍVEL

Há dias alguém nos entregou um cheque de 5.000\$00 com a recomendação: peço-vos que seja entregue no banco, só a partir do dia 25, porque só então terei dinheiro suficiente para se levantar. Sabemos que esta pessoa vive apenas numa pequena reforma da qual tirou 5.000\$00 para ajudar o Movimento dos Cruzados de Fátima. Comparámos o seu gesto generoso ao da pobre viúva de que nos fala o Evangelho e custou-nos aceitar a sua oferta, mas aceitámo-la porque vimos no rosto da oferente a alegria dum coração grande e disponível!

Que lição para tantos que gastam tempo em cálculos, como o homem rico do Evangelho, e choram aquilo que lhes é pedido para fins apostólicos! Os inimigos da Igreja não choram nem discutem o dinheiro que dão para os seus objectivos...

Coloquemos no Céu o bem que realizamos na terra. Lá a ferrugem não penetra nem corroi o «nosso tesouro», nem os ladrões o roubam.

OBJECTIVOS DO MCF

Conforme os Estatutos, o nosso Movimento tem um objectivo bem definido e concreto — viver e difundir a Mensagem de Nossa Senhora, através de 3 campos apostólicos — Oração, Peregrinações e Doentes, particularmente retiros.

Para fazer face às avultadas despesas, a nível nacional e diocesano, os associados têm vindo a contribuir com a insignificante oferta de 120\$00 anuais (os que recebem o jornal Voz da Fátima), e de 60\$00 (os que não recebem o jornal). Beneficiam ainda dos méritos dum Missa diária celebrada no Santuário de Fátima e de mais 5 Missas diárias celebradas nas dioceses, todos os associados vivos e falecidos.

Acontece que todos os dias chegam ao Secretariado Nacional novas inscrições, mas também chegam desistências, com as mais variadas desculpas, mas cremos que o motivo principal é a falta de conhecimento e empenhamento apostólico.

Que o dinheiro não seja motivo de desistências e desinteresse pelo Movimento. Que a oferta da quota não inquiete, mas, pelo contrário, conforte espiritualmente quem a dá.

DESCONHECIMENTO DOS OBJECTIVOS DO MCF

Sabemos que muitos leigos e alguns párocos ainda vêm o Movimento como a antiga Pia União e desconhecem por completo a sua razão de ser e existir. Trata-se dum movimento que não se conforma com inércias ou um deixar ver primeiro o que outros fazem. A falta de conhecimento parece ser a causa da desmotivação que se verifica, a vários níveis. Recordemos o que disse João Paulo II: «A Mensagem de Fátima é hoje mais actual do que em 1917». Precisamos de preparar o ano 2.000; e não será a Mensagem de Fátima uma ajuda? Estou certo de que sim, mas para tanto precisamos da compreensão e empenhamento de todos, a começar pelos párocos. O Movimento dos Cruzados de Fátima é um Movimento de Igreja e pretende realizar missão apostólica em Igreja.

UM APELO

Há Secretariados Diocesanos empenhados seriamente na pastoral do Movimento, mas outros há que pouco têm feito. Aos que estão a trabalhar pedimos que continuem e aperfeiçoem os seus métodos; aos que pouco têm feito, que avancem.

Quanto às dioceses que, por dificuldades várias, ainda não têm secretariado, esperamos que o venham a constituir dentro de pouco tempo.

P.º MANUEL ANTUNES

EMIGRANTES ORGANIZAM O MOVIMENTO NO ESTRANGEIRO

Em Hudson, Estados Unidos da América, o emigrante Sr. António Gonçalves organizou a Direcção Paroquial do MCF, com os seguintes elementos:

Assistente, P. Aristides Zacarias Arruda; Presidente, António J. Chaves; Secretária, Lúcia Frade; Tesoureiro, António B. Gonçalves; Vogal de Oração, Maria Cruz; Vogal de Peregrinações, Margarida Chaves; e Vogal de Doentes, Inês Chaves.

Uma casa que acolhe e responde

Vêm de toda a parte... chegam e entram (alguns espreitam primeiro); sentam-se e dialogam. Os testemunhos falam por si.

Definem-na desta forma:

«Casa do Jovem algo que dá corpo a uma realidade que deve ser vista de frente (...)» (Marília).

«A Casa do Jovem consegue transmitir o silêncio a partir do Espírito» (Filomena Leitão).

Descrevem-na ainda:

«(...) O ambiente é de seriedade e profundidade e compreendemos que os jovens que estão no acolhimento o fazem com fé e simpatia» (Henrique José — Seminarista).

Muitos nos pedem que nos mantenhamos em contacto com eles. Apreciam o nosso trabalho e animam-nos a continuar:

«É necessário, é urgente que falem mais alto, para que todos ou quase todos os jovens vos ouçam.

Nós precisamos de ouvir falar da Mãe sem confusões nem enfeites. Ela é já festa e beleza. Alertem-nos de tudo o que tendes para dar.

Bem hajam, continuem e proliferem» (Maria da Conceição).

Não é por acaso que alguns regressam, algo acrescidos da alegria de voltar, e não voltar sozinhos. A maior parte dos nossos amigos dos anos anteriores trazem consigo outros amigos no ano seguinte. Quando não, levam a nossa mensagem até eles — mais além.

«É a segunda vez que visito a Casa do Jovem. Há dois anos estive cá, levei um folheto (...) que foi (e é) um precioso auxiliar de reflexão pessoal e fundamento para trabalhos (...) com grupos de adolescentes e jovens» (Uma catequista — V.ª Nova de Gaia).

Prometem voltar; agradecem e oferecem:

«Espero cá voltar novamente» (Maria Inês Cruz).

E ainda:

«Vim procurá-la para lhe agradecer o alento. Deixo-lhe este simples raminho tão simples como toda a natureza criada por Deus. Considere-o como se fosse o mais majestoso feito pela mão do homem. Adeus, até à próxima; e o meu bem-haja do fundo do coração» (Jorge — Covilhã).

No fundo do coração de cada jovem que passa existe afinal a vontade da busca e a fome de Deus. Em Maria, os jovens entrevêm uma manhã de sóis infinitos; umas vezes, encontram o que procuram; outras, procuram encontrar.

«Encontrei uma porta aberta, encontrei amigos que me ajudam a ver com o coração, que me fizeram sentir o silêncio de Fátima. Escutei-me a mim mesma! Tornei-me luz!... talvez um pouco fraca ainda mas os meus olhos já sabem sorrir (...)» (Dina Silvério).

«Nós como jovens católicos não praticantes (ou melhor, pouco praticantes) gostamos muito de estar aqui e por isso vamos tentar (...) mudar o nosso comportamento» (João Morais e João António Alves).

«É assim que o apelo à mudança de vida penetra de mansinho a quem chega à Casa do Jovem — (...) nome que à primeira vista nada me dizia, pensando ser mais uma das muitas que se encontram.

Mas enfim entrei, 'sem fé' e com nada para dar. Sentei-me, vi, ouvi. E então vi-me livre de pesadelo (sem fé).

Muito poderia dizer desta casa mas não tenho palavras para descrever: enfim visitai-a e sabereis o que é» (Manuela Fernandes).

Serão sempre bem-vindos à Casa de Maria.

Esperamos por todos vós, gente do norte e do sul, responsáveis pelo crescimento dos jovens da nossa terra.

Pelo Sector Juvenil

MARIA TERESA FERREIRA